



Sociedade e educação: a escola de Chico Bento¹

Marcilia Luzia Gomes da COSTA²
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN

Resumo

A análise focaliza algumas questões centrais como o papel da escola, a imagem da professora e dos alunos, o relacionamento entre eles e a escola de papel identificada na obra de Maurício de Sousa. Tratando-se de uma problemática que lida com dados construídos a partir de elementos da subjetividade, opta-se por conduzir a investigação em uma abordagem que se insere na perspectiva qualitativa. A escolha teórico-metodológica pela análise de discurso para analisar as histórias, deve-se à sua apreensão teórica não apenas dos processos verbais, mas dos sociais, históricos, políticos e ideológicos em que os discursos estão ancorados. Realizada as análises, conclui-se que a escola de Chico Bento emerge como uma instituição repressora, local de adestramento das crianças, através de uma disciplina autoritária.

Palavras-chave: sociedade; escola; quadrinhos; análise de discurso.

O entrelaçamento das palavras criança e escola está relacionado a mecanismos de controle e práticas disciplinares, com vistas ao exercício do poder e na produção de um saber sobre a criança. Ela é considerada um ser em desenvolvimento, que precisa ser escolarizada, disciplinada, preparada para ser eficiente no futuro. A criança passa a ser vista como “semente das gerações futuras” (FOUCAULT, 1993, p. 232) e deve ser educada para seguir um conjunto de normas e condutas. Esse conjunto de regras embasa o que conhecemos atualmente como disciplina.

Desenvolvendo a noção de disciplina, Foucault (2002, p. 118) diz:

Esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar as “disciplinas”. Muitos processos disciplinares existiam há muito tempo: nos conventos, nos exércitos, nas oficinas também. Mas as disciplinas se tornaram no decorrer dos séculos XVII e XVIII fórmulas gerais de dominação (destaque do autor).

¹ Trabalho apresentado no GT – Jornalismo e produção editorial, do Inovcom, evento componente do X Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste.

² Professora do Curso de Comunicação Social da UERN, email: marciliamendes@uol.com.br.



A categoria disciplina é uma das principais elaborações conceituais de Foucault, uma categoria teórica que permite refletir como se organizam algumas instituições modernas, dentre as quais, a escola, que nos interessa em especial, nesta discussão. Quais são seus modos de funcionamento e as relações que se estabelecem entre o saber e o poder nas sociedades que abrigam instituições onde circulam crianças?

É no século XIX que a escolarização se torna obrigatória e a escola passou a ser a instituição responsável pela aprendizagem. Até então, os membros da elite não deixavam de receber a educação que os preparava para exercer condignamente seu lugar na sociedade; mas não eram obrigados a se sujeitar às normas de uma instituição exterior ao espaço familiar e de organização própria. As crianças oriundas das camadas mais populares, por sua vez, foram igualmente acolhidas pelo sistema escolar. Entretanto, nem sempre lhes eram ofertado ensino de qualidade equivalente (ZILBERMAN, 1997, p.23).

Recorrendo mais uma vez a Foucault (1993, 2002), podemos afirmar que a forma pela qual a instituição escolar se implantou no século XX se articulou às técnicas do poder disciplinar. Nas palavras deste autor:

O poder disciplinar é com efeito um poder que, em vez de se apropriar e de retirar, tem como função maior “adestrar”; ou sem dúvida adestrar para retirar e se apropriar ainda mais e melhor [...]. O sucesso do poder disciplinar se deve sem dúvida ao uso de instrumentos simples: o olhar hierárquico, a sanção normalizadora e sua combinação num procedimento que lhe é específico, o exame. Foucault (2002, p. 143. Destaque do autor).

Dos instrumentos citados pelo autor, enfatizamos o exame, pois de todas as técnicas do poder disciplinar, consideramos o exame a mais “especificamente educacional e escolar” (NOYOLA, Apud KOHAN, 2003, p.77). Mais do que em qualquer outra organização social, a figura do exame é ritualizada pela escola num jogo constante de perguntas e respostas que impulsiona os mecanismos de constituição do saber numa relação de poder específica.

[...] o exame é na escola uma verdadeira e constante troca de saberes: garante a passagem dos conhecimentos do mestre ao aluno, mas retira do aluno um saber destinado e reservado ao



mestre. A escola torna-se o local de elaboração da pedagogia. E do mesmo modo como o processo do exame hospitalar permitiu a liberação epistemológica da medicina, a era da escola “examinatória” marcou o início de uma pedagogia que funciona como ciência. Foucault (2002, p.155-156. Destaque do autor).

Isso significa que, por meio da disseminação das técnicas e estratégias de exame no cotidiano escolar, o campo pedagógico promoveu o engendramento de um conjunto de saberes sobre o aluno “ligado aos traços, às medidas, aos desvios, às ‘notas’ que o caracterizam e fazem dele, de qualquer modo, um caso” (ibid, p. 160). Nesse sentido, a escola é para este autor um “aparelho de exame ininterrupto que acompanha em todo o seu comprimento a operação do ensino” (FOUCAULT, 2002, p.155). Um controle normalizante, uma vigilância que possibilita medir, sancionar e punir.

Assim, podemos deduzir que os processos avaliativos constituem, sem dúvida, uma das manifestações mais evidentes do impacto das técnicas examinatórias no contexto escolar. É através da avaliação que se torna possível conhecer e controlar cada qual dos discentes, organizando-os individualmente de acordo com as competências ansiadas.

Atualmente, a escola exerce uma importância tão grande na vida das crianças que, segundo Papalia e Olds (1998, p.372), “os anos da infância média, aproximadamente de 6 a 12 anos, são freqüentemente chamados de *anos escolares*” (destaque das autoras). Sob essa perspectiva, a escolarização desempenha um papel fundamental na constituição do indivíduo que vive numa sociedade letrada e complexa como a nossa.

A Turma da Mônica propriamente dita não vai à escola, o que distancia essas personagens, em termos de realidade, de grande parte do público leitor desses quadrinhos que está em idade escolar. Essa não é uma omissão qualquer, já que a escolarização se impõe hoje muito cedo, desde os dois primeiros anos de vida. Contraditoriamente, as personagens que freqüentam a escola são as crianças moradoras do meio rural, mesmo com todas as dificuldades encontradas no campo: distância da escola, ausência de transporte escolar, escassez de recursos e a falta de infra-estrutura, dentre outras. Diante dessas constatações, portanto, analisamos *Chico Bento*, procurando responder à seguinte questão: como a instituição social escola comparece nos quadrinhos de Maurício de Sousa e qual o papel dessa instituição na formação dessa personagem?

Criado em 1961, *Chico* teve como inspiração um tio-avô de Maurício, a respeito do qual o autor ouvia diversas histórias que haviam sido contadas pela sua avó. No ano



de 1982, foi lançada a primeira revista com a *Turma da Roça: Rosinha* (namorada de *Chico Bento*), *Zé Lelé* (primo de *Chico* e um de seus principais companheiros de aventura), *Hiro* e *Zé da Roça*. A *Turma de Chico Bento* vivencia o cotidiano rural: a labuta na terra, o cuidado com os animais, a valorização das lendas e dos hábitos campestres. Os amigos, além da professora, pais, vizinhos e Padre *Lino*, são as coadjuvantes das histórias de *Chico Bento*. Todas essas personagens divulgam o cotidiano de uma grande parcela da população campestre do Brasil e trazem em suas narrativas questões particulares desse segmento social, fundamentalmente uma grande preocupação com a preservação ambiental, já que, as famílias praticam a agricultura de subsistência.

Chico trabalha na roça e estuda. No tocante ao trabalho dessa personagem, seu criador tem recebido várias críticas de instituições que lutam pela erradicação do trabalho infantil, porém, até agora, Maurício de Sousa não se pronunciou a respeito do assunto. *Chico Bento* trabalha para ajudar os pais a aumentar a produtividade de suas terras, questão comum entre moradores do meio rural, que também, a exemplo de outras famílias, não têm “[...] distanciamento crítico suficiente para ver a atividade da criança como ‘trabalho’” (RIZZINI, 2004, p. 385. Destaque da autora). Mediante algumas constatações sobre o trabalho de *Chico Bento*, julgamos importante, também, relacionar o trabalho ao desempenho escolar da personagem e identificar como tal questão é tratada nas histórias dessa protagonista.

Chico Bento acorda cedo (com o cantar do galo) e vai direto para a roça, onde ordenha vaca, coloca comida para os bichos (porcos, galinhas, patos) e ara a terra. O trabalho dessa criança ocorre devido ao desejo do protagonista em manter uma tradição geracional no lidar com a terra, já que identificamos o trabalho na roça como uma marca identificadora da família. Percebemos também que *Chico* trabalha devido a fatores econômicos, pois sua família não tem condições de remunerar um empregado (diferentemente da família de *Zé da Roça* que possui uma melhor situação financeira e em sua fazenda há empregado). “Há situações, como a de pequenos proprietários que dependem do trabalho de toda a família para manter a produção, mas apesar disso conseguem enviar as crianças para a escola” Rizzini (op.cit, p.386). Encontramos essa mesma situação mostrada pela autora nos quadrinhos de *Chico Bento*.

Mas, o que realmente preocupa *Chico* são as obrigações escolares, uma vez que tirar notas baixas é uma constante em seu itinerário escolar. Como o demonstrado no recorte a seguir.



Fonte: Revista Chico Bento, nº250, p.29.

A expressão “tô lascado de novo” significa a preocupação e as dificuldades do menino na realização dos trabalhos escolares e a freqüência com que ele recebe notas abaixo da média. Na história acima *Mamífero Voador*, a professora passa para o aluno um trabalho sobre mamífero voador. Quando comenta o teor da tarefa ao seu colega *Zé da Roça*, o amigo diz: *é simples, Chico* e tenta explicar para *Chico* o que é um animal. *Chico* não consegue entender as explicações do amigo e fica zangado com *Zé da Roça* quando ele o chama de animal racional. *Chico* não consegue entender o que significa “racional” e associa o adjetivo a quem come ração. A mesma situação ocorre quando o seu outro amigo *Hiro*, começa a dá a mesma explicação. Como não entende as explicações dos amigos, ele decide “ir aos pouquinhos” e tenta descobrir primeiramente o que é um mamífero. Para saber o que é um mamífero, *Chico* pergunta para sua mãe: *mãe, o qui quê dizê mamífero?* A mãe responde: *é o qui mama, fio! Os gato quando nasce si alimenta mamando, como os cachorro, as vaca...I nois, também somo mamífero, pois os bebê são amamentado.* Ao ouvir as explicações dadas pela mãe, a criança diz: *puxa, intão a coisa é simpres memo! Tá arresorvido o probrema! Agora é só discubrir um bicho qui mama e avoa tamém! Pronto, cabei! Aminhã, vô fazê bunito na iscola! Vô arrasá!* No dia seguinte, a professora pergunta: *vocês fizeram o trabalho de casa.* *Chico* feliz por ter realizado a tarefa e com o trabalho na mão diz: *eu fiz fessora! tá aqui, ó!* Então, *D. Marocas* pede para o discente lê a tarefa para a classe. *Chico* lê para a turma o resultado de suas pesquisas: *só ixiste um mamífero avoador...o piloto di avião!* Em suas



conclusões, a criança limita o adjetivo mamífero aos seres humanos e associa voador ao transporte aéreo.

Há vários exemplos em que *Chico Bento* consegue obter uma boa nota, mas é freqüentemente punido pela professora por ter burlado alguma norma escolar. Um exemplo dessa situação será demonstrado mais adiante. Por ser ingênuo e sentir dificuldades em adaptar-se à vida na cidade, nas poucas vezes que ele dirige-se ao centro urbano, sua vontade é voltar logo ao campo.

As temáticas mais recorrentes nas histórias do protagonista são: a preocupação com a preservação da natureza, o conflito entre o rural e o urbano e o cotidiano escolar de *Chico*. Na visão de vários teóricos que se dedicam à temática dos quadrinhos (CIRNE, 1987; SANTOS, 2002), *Chico Bento* seria uma referência ao *Jeca Tatu*, personagem de Monteiro Lobato. A personagem mauriciano encarna essa ingenuidade, falta de malícia e alguns valores que muitas vezes fazem parte da vida de crianças rurais.

Chico Bento demonstra ser uma criança feliz: ele não reclama de suas obrigações no lidar com a terra. O trabalho de toda a família é uma tradição mantida há gerações. Por isso, *Chico* sente-se orgulhoso em dar continuidade a essa tradição. O trabalho dele não o afasta da sala de aula, mas para *Chico*, devido às dificuldades encontradas na aquisição de boas notas nos exames, as tarefas escolares são mais difíceis de realizar do que o trabalho nas terras da família. Seu desempenho é bem melhor no trato com a terra do que dentro da sala de aula. A escola de *Chico Bento* não é nada atrativa, é um espaço onde ele não se sente valorizado, pois suas dificuldades na apreensão de conteúdos escolares e as constantes notas baixas são temas recorrentes nas histórias. Seus amigos e companheiros de sala, em algumas histórias, associam a figura do animal burro ao nosso protagonista.

Em vários quadrinhos, é mostrado o desejo do protagonista de, quando tornar-se adulto, ser igual ao pai. *Seu Bento* é motivo de admiração e orgulho para o filho. Na história intitulada *É o meu pai* (Revista *Chico Bento*, nº 428, s/p), *Chico* observa a rotina paterna e tece inúmeros elogios ao seu genitor: honesto, digno, trabalhador, esperto, cheio de vida e energia, mesmo quando mostra-se durão, algumas vezes, exigindo-lhe um melhor desempenho na escola. *Chico* compreende que a cobrança do pai deve-se à preocupação com seu futuro, pois o desejo paterno é que ele, quando adulto, siga a carreira de médico, engenheiro ou agrônomo. Nesse quadrinho, há uma demonstração explícita da vontade do protagonista: *Chico* não quer ser doutor, engenheiro ou advogado, uma vez que as virtudes do pai ressaltadas pelo filho independem de grau de



escolaridade ou profissão. A criança enfatiza em seu discurso valores humanos: honestidade, dignidade e bondade, características marcantes da personalidade paterna. Nessa história, podemos identificar uma contradição entre a aspiração do filho e de seu pai em relação a ele: apesar de *Chico Bento* saber da vontade do pai que ele siga uma das profissões tradicionais elencadas na história, a criança não deseja isso; ele almeja para seu futuro ser a continuação de seu pai que, por sua vez, é a expressão de continuidade de seu avô.

Nas análises das histórias, encontramos algumas razões para as recorrentes notas baixas do protagonista: o amor que ele sente por *Rosinha*, que estuda na mesma sala, desviando sua atenção das explicações da professora por estar com os olhos voltados para a sua namorada; sua distração; seus encontros amorosos com *Rosinha*; em algumas situações, o trabalho (que o absorve, deixando-o sem tempo para estudar); o lazer e as brincadeiras.

Na história de título *Nota Baixa* (Almanaque do Chico Bento nº 42, p. 23-27), a professora, ao entregar a avaliação a *Chico*, avisa-o de sua nota baixa e pede-lhe para que a prova seja devolvida assinada pelo seu pai. O aluno fica aflito temendo a reação paterna e lembra dos motivos que o levaram a tirar uma nota baixa: banhos no ribeirão, comer os frutos da goiabeira do *Nhô Lau* e os encontros com *Rosinha*. Após a lembrança dos fatos que o desviaram do estudo, *Chico Bento* emite a seguinte constatação: *agora mi alembro! Fiquei vadiando o tempo todo! Quando percibi, já tava na hora da prova*. A criança hesita em mostrar a avaliação ao pai. Quando o menino está deitado em sua cama sem conseguir dormir e o seu pai entra no quarto encontrando-o insone pergunta-lhe: *O qui ocê tem, fio? Premero jantô só um tiquinho...Adis pois num consegue drumi...* Ao ouvir o pai, *Chico* começa a chorar e abraçando *Seu Bento* diz: *Eu pormeto qui istudo mais no meis qui vem! Num fico mais vadiando! Vô mi isforçá!* Sem saber o que estava acontecendo, o pai fala: *Ispera, fio! Num tô intendendo!* O menino então mostra a prova ao pai: *Óia, pai!* Ao receber a avaliação, *Seu Bento* pontifica: *Ta bão! Eu assino! Mais quero vê uma nota boa no meis qui vem!* *Chico Bento* responde: *Juro, pai!* Só que no mês seguinte a situação se repete e *Chico* faz a mesma promessa ao pai. Como toda criança, *Chico* gosta demais de brincar, e por este motivo, muitas vezes negligencia com as obrigações escolares (estudar para as provas, realizar os deveres de casa, etc.), pois em sua rotina elas não são prioritárias. Uma outra razão para o seu baixo desempenho escolar é a não-valorização da escola por parte do protagonista. A história *É o meu pai* ilustra bem essa questão.



Quando *Chico* consegue realizar toda a lição de casa, é motivo de ironia e estranheza por parte da professora. Exemplo ilustrativo dessa questão consta no recorte discursivo da história intitulada *Apaixonada* (Revista *Chico Bento*, nº 456, p. 58-65). Nesse quadrinho, a galinha (*Giselda*) de *Chico Bento* “apaixona-se” pelo seu dono e o segue até a escola. Apesar dos apelos do protagonista, a ave consegue entrar na sala de aula no momento em que a professora (*D. Marocas*) está dando os parabéns a *Chico* por ter feito toda a lição de casa: *Então, você fez toda a lição de casa, Chico? Milagre... quero dizer, parabéns!* Mesmo tendo cumprido com a obrigação, o aluno é dispensado da aula e ainda recebe uma advertência, devido à desordem provocada por seu animal. Ao sair da escola, *Chico Bento* encontra-se com *Rosinha* que o indaga, com o dedo em riste:

Chico? ocê num foi pra iscola?

Meio constrangido, *Chico* responde:

Er...a fessora mi dispensô!

Rosinha: Intão, agora, ocê tá livre?

Chico Bento: To!

Rosinha: Tava, né?

Chico Bento: Era isso qui eu ia falá!

Mediante o diálogo, podemos realizar algumas observações sobre o papel da escola para essas crianças: quando a menina pergunta: *intão, agora, ocê tá livre?*. O “livre” representa o significado atribuído por essas crianças à escola. Essa instituição, nos quadrinhos de *Chico Bento*, não é vista como um espaço de prazer e alegria (o que não a diferencia muito de algumas escolas da vida real), mas apenas como um lugar onde as crianças têm que cumprir com as obrigações para não serem punidas quando desobedecerem alguma norma. Desse modo:

[...] Não são apenas os prisioneiros que são tratados como crianças, mas as crianças como prisioneiras. As crianças sofrem uma infantilização que não é delas. Nesse sentido, é verdade que as escolas se parecem um pouco com as prisões [...].

Uma outra questão referente à conversa entre o casal é: *Chico* estava livre até encontrar a sua namorada, a partir desse momento e até o final da história ele ficará “preso” a *Rosinha*. Uma outra possibilidade de leitura para o diálogo seria: *Chico*, agora estaria *livre* para fazer o que quisesse (brincar, nadar no ribeirão, pescar, etc.) Cientes que podem ocorrer outras possibilidades interpretativas para a palavra livre,



privilegiamos a primeira possibilidade, fundamentados no funcionamento discursivo dos quadrinhos de *Chico Bento* no tocante à escola e na significação que os alunos atribuem a essa instituição.

Na história de título *Sarampo* (Revista *Chico Bento*, nº 263, p. 21-23), o colega de turma (*Hiro*) faltará às aulas por ter contraído sarampo. Diante da situação, *Chico* sugere ir visitar o colega doente que se ausentará das aulas durante uma semana. A professora fica comovida e orgulhosa pela demonstração de coleguismo e solidariedade por parte dos seus alunos e dará um dez em comportamento para todos. Entretanto, quando ela pergunta para um aluno:

Zé da Roça! Você não vai junto com eles?

Zé da Roça: Eu já peguei sarampo!

Chico Bento, um pouco afastado da professora orienta seus colegas: temo qui respirá bem pertinho dele, tá?

Constatamos, mediante esse recorte discursivo que o espírito de solidariedade e coleguismo não está tão presente entre seus alunos como supõe *D.Marocas*, e sim, a vontade de contrair a doença para também não comparecer às aulas. Quando os alunos não estão procurando alguma desculpa para se ausentarem das aulas, eles estão inventando algum motivo para que não haja aula (principalmente quando é dia de prova).

D. Marocas é a professora e autoridade escolar que sempre exige de *Chico* obediência às regras da escola: ser um aluno pontual, apresentar um bom comportamento, realizar as lições de casa, estudar, tirar boas notas, etc. Quando *Chico Bento* infringe algumas dessas normas, é humilhado, ridicularizado, xingado e tratado com ironia pela professora. Nesse sentido, de acordo com (FOUCAULT, 2002, p. 149) na escola funciona como repressora toda uma micropenalidade do tempo (atrasos, ausências, interrupções das tarefas), da atividade (desatenção, falta de cuidado e de zelo), da maneira de ser (desobediência e descortesia), dos discursos (insolência, conversas), dos corpos (atitudes “incorretas”, gestos inadequados, higiene), da sexualidade (falta de modéstia, indecência. Aspas de Foucault). Seguindo ainda esse autor, “ao mesmo tempo é utilizada, a título de punição, toda uma série de processos sutis, que vão do castigo físico leve a privações ligeiras e a pequenas humilhações” Foucault (op.cit, p.149). O que se castiga são os desvios ou a falta de adequação às normas.



Tratar *Chico Bento* como incapaz, incompetente, só produz mais desmotivação e desinteresse no aluno, que tenderá a considerar-se fraco ou sem condições de apreender os conteúdos ministrados pela professora. De acordo com as correções de *D. Marocas*, tanto os deveres quanto as questões realizadas nas avaliações por *Chico* estão errados (apesar de não deixar claro quais foram os erros cometidos). Mas será que realmente está tudo errado? Não há absolutamente nada certo? Não há como aproveitar o que é realizado por ele? Conforme o quadrinho abaixo, não acertar nada na prova causa estranheza até no educando, quando ele interroga: *num intendo! Como posso num acertá nada?* A professora, ao devolver os deveres e as avaliações não aponta onde o aluno errou. Ao negar esse *feedback* ao educando, *D. Marocas* não considera, no processo ensino- aprendizagem, que os exames são apenas um meio e não o fim para verificar o nível de aprendizagem do aluno. Se o aluno não tem conhecimento dos erros cometidos, ele poderá cometê-los novamente. Como ele irá saber o que foi aprendido e o que não foi? Dentro desse contexto podemos afirmar que no âmbito da escola de papel os instrumentos de avaliação servem apenas para desqualificar *Chico Bento*. Como a professora não sinaliza quais são as dificuldades apresentadas pelo aluno, fica difícil para ele tentar superá-las.

Na relação entre *Chico Bento* e a instituição escolar, identificamos nas histórias algumas das micropenalidades analisadas por Foucault, principalmente as que dizem respeito ao tempo, à atividade e à maneira de ser. Uma outra micropenalidade presente nos quadrinhos de *Chico* é a referente à atividade (desatenção). A distração do aluno é motivo de punição e das recriminações por parte da professora.

Na escola, a qualificação e a norma se obtêm pelos castigos e sanções, punem-se a desatenção, a ausência, o não cumprimento de tarefas, a desordem.

É preciso ressaltar a importância de trazer para dentro da sala de aula as experiências dos discentes, pois quando *Chico Bento* consegue estudar relacionando os conteúdos ministrados em sala de aula com suas vivências cotidianas, ele melhora seu desempenho escolar e até recebe os parabéns da professora. Na história intitulada *Lição de casa* (Revista *Chico Bento*, nº 439, s/p), *Chico* utiliza espigas de milho, goiabas e vacas para exercitar as operações matemáticas de divisão, subtração e multiplicação. E como geralmente acontece quando ele associa seu conhecimento de mundo aos ensinamentos transmitidos pela professora, o educando é por ela elogiado: *parabéns, Chico! suas notas de matemática estão cada vez melhores!*



No quadrinho cujo título é *Zero, não!!* (Revista Chico Bento, nº 439, n/p) sonha que a professora lhe dá uma nota zero, e como seu pai lhe conta que sua avó paterna costumava dizer que os sonhos têm a capacidade de prever o futuro, ele decide passar o resto da noite estudando. Quando amanhece o dia, *Chico* continua estudando, toma café e vai para a escola ainda estudando. Para surpresa da professora, ele consegue tirar nota dez em aritmética. A respeito do resultado da avaliação de *Chico Bento*, *D. Marocas* emite o seguinte comentário: *Hum... pelo visto, hoje é um dia para marcar no calendário! Chico...você tirou dez em aritmética.* A alegria do aluno não é apenas pela nota obtida, mas, principalmente, porque através do estudo conseguiu mudar “as coisas” do sonho. Entretanto, devido à maneira como *Chico* comemorou o resultado (gritando, dando cambalhotas e jogando livros e cadernos para cima) recebe um olhar de repreensão da professora. No último quadrinho, *Chico Bento* chega em casa e pergunta para a mãe: *Mãe! Tá perparada pra ovi quanto eu tirei im comportamento na crasse?* No final da história, em relação ao comportamento, fica a dúvida se a nota atribuída pela conduta invalida o dez obtido na avaliação. Mesmo quando esse aluno consegue tirar boas notas, ele é punido por não atender a alguma norma imposta pela escola, seja no tocante ao comportamento, seja em relação à pontualidade.

Apesar de Foucault não realizar uma análise detalhada das escolas, consideramos que ele identificava a escola e a educação formal como exercendo um papel no crescimento e fortalecimento do poder disciplinar. Segundo Foucault (2002), as relações de poder estabelecidas no século XX nas instituições, seja na família, na escola, nas prisões ou nos quartéis, foram marcadas pela *disciplina*, cujo objetivo fundamental era a produção de *corpos dóceis e úteis*. Para esse autor o poder dissemina-se por toda a estrutura social e mantém relação de reciprocidade com a produção do saber: ao mesmo tempo em que se exerce o poder, são constituídos campos do saber; da mesma maneira, o saber produz relações de poder (observamos que esse saber como poder também comparece nas relações dentro da escola). Mais adiante na obra acima citada, esse autor indaga: “Devemos ainda nos admirar que a prisão se pareça com as fábricas, com as escolas, com os quartéis, com os hospitais, e todos se pareçam com as prisões?” Foucault (2002, p.187).

De maneira crescente, a pedagogia tem ressaltado o autodisciplinamento, através do qual os estudantes devem manter a si e aos outros sobre controle. Conforme Foucault (2002), as técnicas/práticas que induzem esse comportamento podem ser nomeadas de *tecnologias do eu*. Essas tecnologias agem sobre o corpo: seus gestos, olhos, mãos, boca,



expressões. Podemos citar como exemplo os comportamentos dos alunos em sala de aula: levantar as mãos antes de falar em classe, manter seus olhos sobre o trabalho durante uma avaliação, conservar seus olhos no professor, quando ele está dando alguma instrução, permanecer em suas carteiras, etc (GORE, 2002, p. 14).

Uma outra questão em que podemos identificar como os mecanismos de poder-saber atuam nas escolas é na organização da sala de aula. Na grande maioria das escolas os alunos ficam distribuídos em fileiras de frente para a professora, esta ocupa uma posição espacial privilegiada possuindo uma visão de toda a turma, com o objetivo de vigiar e controlar seus comportamentos. As carteiras são individuais, o que diminui a comunicação entre os colegas, na tentativa de reduzir conversas paralelas que quebrem o silêncio imposto e desviem a atenção das explicações da professora.

A escola é uma instituição responsável em veicular os mecanismos do poder disciplinar. Aparentemente, sua função seria a transmissão do conhecimento construído culturalmente, porém seu peso em nossa sociedade é muito maior e sua função é muito mais do que ensinar conteúdos; ela pressupõe a disciplinarização, a hierarquização. É só observarmos as dinâmicas de aula descritas acima.

Ao relacionar as idéias de Foucault com a escola que comparece nos quadrinhos mauricianos, iremos considerar alguns dos mecanismos disciplinares que atuam na tentativa de fazer esquecer a heterogeneidade característica do sujeito e de sua linguagem. Foucault (2006) analisa mecanismos de controle, seleção, organização e redistribuição dos discursos e dos sujeitos, através dos quais ambos seriam “ordenados” de maneira que seus perigos e poderes pudessem ser conjurados. Estes procedimentos, para Foucault, se classificam em: *procedimentos de exclusão*, *procedimentos de classificação*, *ordenação e distribuição* e *procedimentos de rarefação dos sujeitos falantes*. Quanto aos de *exclusão*, podemos dividi-lo em: proibição de dizer (há assuntos proibidos, há situações em que é proibido dizer algo, há sujeitos que estão proibidos de dizer algo); *rejeição* (é aquele discurso que não pode circular como o dos outros) e a *vontade de verdade* (discurso pronunciado por quem de direito e de acordo com o ritual requerido, apoiado por um suporte institucional).

Já os mecanismos de *rarefação*, *seleção dos sujeitos* dividem-se em: *ritual* (define papéis e qualificações dos sujeitos); *sociedades de discurso* (mantém, produzem discursos, fazendo-os circular em espaços restritos, pois são poucos os sujeitos que podem fazer parte dessas sociedades); *doutrina* (produz-se uma dupla sujeição: dos sujeitos que falam aos discursos e dos discursos ao grupo); *apropriação* (há todo um



sistema de apropriação dos saberes produzidos na sociedade, e os sujeitos que passam por esses sistemas é que estão autorizados a elaborar determinados discursos) (MENDONÇA, 2003, p. 242).

Podemos identificar que na escola de *Chico Bento* comparecem muitos desses mecanismos, mas para os nossos objetivos, estaremos nos limitando aos de *exclusão* e aos de *rarefação*, *seleção dos sujeitos*, pois se a norma é a referência, os desvios à norma passam a ser objeto de um controle maior. Tudo o que foge da norma deve ser alvo de correção e punição. Nesse sentido, o aluno *Chico Bento* comete desvios a algumas das regras estabelecidas pela escola, pois em muitas histórias é mostrado o educando em situação de cola, chegando atrasado, promovendo desordens, “matando” aula e tirando nota baixa. A nota baixa recebida por *Chico* configura-se como desvio à norma; quando tomamos como norma os alunos que estão na média ou acima da média.

Convém salientar que devido a alguns comportados assumidos dentro da sala de aula (citados anteriormente), podemos situar *Chico Bento* como fora da norma. Ele não está qualificado para ingressar na sociedade de discurso, o seu saber não é reconhecido pela escola. Além disso, o educando não é autorizado a pronunciar um discurso diferente daquele legitimado pela instituição escolar.

Na sociedade atual funciona todo um sistema de *apropriação* dos saberes produzidos e herdados. Nesse sentido, a escola é, sem dúvida, uma instituição típica destes processos de apropriação. Nela são definidos os sujeitos “competentes” para falar sobre determinados temas, de acordo com suas especificidades (GERALDI, 1995, p. 64). O professor é a autoridade responsável em disseminar o “saber legítimo”; ele ensina porque adquiriu autorização para isso. Compete ao aluno (muitas vezes, passivamente) aprender o que o professor ensina.

A escola presente nos quadrinhos de Maurício é uma representação da pedagogia tradicional enquanto proposta centrada no professor, o qual assume a função de vigiar, corrigir, ensinar, aconselhar e punir o aluno. No desempenho de suas funções, *D. Marocas* limita-se a práticas pedagógicas consagradas (*doutrina*) no interior da escola que se aproximam dos *rituais* (aplicação de exames, verificação de frequência, etc). A metodologia adotada pela docente baseia-se na exposição oral do conteúdo e na memorização do que é estudado. No tocante ao conteúdo, este corresponde aos conhecimentos e valores sociais acumulados ao longo do processo histórico, sendo destituídos de associações com as práticas cotidianas dos alunos. Na ausência dessas relações, resta ao aluno repetir mecanicamente as explicações dadas.



Uma das dificuldades encontradas nas relações de ensino-aprendizagem dentro da escola de *Chico Bento* é o não respeito e falta de valorização das diferenças (socioeconômicas, culturais, lingüísticas e étnicas) entre os alunos, verificadas em sala de aula. Sobre a questão, Louro (1997, p. 57) complementa:

Diferenças, distinções, desigualdades. A escola entende disso. Na verdade, a escola produz isso. Desde seus inícios, a instituição escolar exerce uma função distintiva. Ela se incumbiu de separar os sujeitos, tornando-os aqueles que nela entravam distintos dos outros, os que a ela tinham acesso.

De acordo com a citação, a seletividade da escola parece evidente; apesar de não produzir as desigualdades sociais, essa instituição de ensino as legitima.

Chico possui mais dificuldades na apreensão dos conteúdos escolares do que outros colegas de sua sala. Apesar de cumprir com o mínimo das obrigações escolares (frequentar as aulas, em algumas vezes fazer as tarefas e estudar para as provas) exigidas do aluno, ele é insistentemente chamado atenção por *D.Marocas* pelas notas baixas e pelos “erros” cometidos. Nos quadrinhos de *Chico Bento*, observamos nas falas da grande maioria das personagens uma “inadequação em relação à norma culta”. Estas personagens não falam “errado”, pois conforme Possenti (1999) afirma ao analisar as várias concepções de gramática, segundo a acepção de gramática descritiva é erro o que não ocorre sistematicamente na língua, em nenhuma de suas variedades.

De acordo com Soares (2002, p.78),

Um ensino da língua materna comprometido com a luta contra as desigualdades sociais e econômicas reconhece, no quadro das relações entre a escola e a sociedade, o direito que têm as camadas populares de apropriar-se do dialeto de prestígio, e fixa-se como objetivo levar os alunos pertencentes a essas camadas a dominá-lo, não para que se adaptem às exigências de uma sociedade que divide e discrimina, mas para que adquiram um instrumento fundamental para a participação política e a luta contra as desigualdades sociais.

Para a referida autora, um ensino de língua materna que pretenda alcançar esse objetivo tem de partir da compreensão das condições sociais e econômicas que explicam o prestígio atribuído a uma variedade lingüística em detrimento de outras, tem que levar o aluno a perceber o lugar que ocupa o seu dialeto na estrutura de relações sociais econômicas e lingüísticas, e a entender as razões por que esse dialeto é socialmente estigmatizado; tem de explicitar os motivos para levar o aluno a aprender um dialeto não



pertencente ao seu grupo social e propor-lhe um bidualismo não para a sua adequação, mas para as transformações de suas condições de marginalidade (SOARES, 2002, p. 78).

Claro está que as características de escola delineadas nesse trabalho, infelizmente ainda correspondem a um perfil de escola bastante presente na contemporaneidade. Vestígios do poder disciplinar comparecem em muitas instituições escolares.

Referências

ALMANAQUE do *Chico Bento*, nº42. Rio de Janeiro: Globo, novembro de 1998.

_____. *A arqueologia do saber*. 4ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

_____. *Vigiar e punir*. 25ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

_____. *A ordem do discurso*. Rio de Janeiro: Loyola, 1999.

GORE, Jennifer M. Foucault e educação: fascinantes desafios. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org). *O sujeito da educação: estudos foucaultianos*. 5ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 7ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

MENDONÇA, Marina Célia. Língua e Ensino: políticas de fechamento. In: MUSSALIM, Fernanda, BENTES, Anna Cristina (orgs). *Introdução à lingüística: domínios e fronteiras*, v.2. 3ed. São Paulo: Cortez, 2003.

POSSENTI, Sírio. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. Campinas,SP: Mercado de Letras-ABL, 1999.

KOHAN, Walter Omar. *Infância*. Entre educação e filosofia. Belo Horizonte: 2003.

REVISTA *Chico Bento*, nº 250. Rio de Janeiro: Globo, março de 1996.

REVISTA *Chico Bento*, nº 428. Rio de Janeiro: Globo, outubro de 2003.

REVISTA *Chico Bento*, nº 456. Rio de Janeiro: Globo, janeiro de 2006.

REVISTA *Chico Bento*, nº 263. Rio de Janeiro: Globo, fevereiro de 1997.

REVISTA *Chico Bento*, nº 439. Rio de Janeiro: Globo, setembro de 2004.

RIZZINI, Irma. Pequenos trabalhadores do Brasil. In: PRIORE, Mary, Del (Org.). *História das crianças no Brasil*. 4ed. São Paulo: Contexto, 2004.

SOARES, Magda. *Linguagem e escola: uma perspectiva social*. 17ed. São Paulo: Ática, 2002. (Série Fundamentos).